

## OS NOSSOS MORTOS

### DR. EDUARDO STUDART

Faleceu, no Rio de Janeiro, onde há longos anos residia, a 3 de setembro do ano de 1955, aos 92 anos de idade, o Dr. Eduardo Studart, o mais antigo juiz do Brasil. Era o extinto figura largamente conceituada nos círculos jurídicos e sociais do país, tendo ocupado, em sua longa existência, várias posições de relêvo.

Nascido em Fortaleza, a 21 de outubro de 1863, era filho do então vice-consul da Grã-Bretanha John William Studart e de Dona Leonília de Castro Studart, descendente de família ilustre de largo prestígio social e político que se vinculava à época colonial.

Fêz as humanidades na cidade do Salvador, de onde saiu, posteriormente, para cursar a Faculdade de Direito do Recife, pela qual se bacharelou em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1886. Ainda na Monarquia, exerceu as funções de Promotor Público nas comarcas de Viçosa e de Crateús, neste Estado, então província.

Com o advento da República, foi nomeado Juiz do município de Picos, no Maranhão, ocupando ainda, no mesmo Estado, o lugar de Juiz Substituto da Vara do Comércio. Adoecendo gravemente nessa época, encerrou a sua carreira na Magistratura, recusando, posteriormente, a sua nomeação para Juiz de Direito da Comarca de São Raimundo Nonato, no Piauí.

Abraçando, então, a carreira comercial, em 1892, em Fortaleza, cêdo se fêz um dos líderes da classe, tendo fundado, com outros, a Associação Comercial de Fortaleza, da qual foi um dos diretores.

Não se limitou, porém, o Dr. Eduardo Studart às atividades do comércio. Regressou ao magistério e à vida política, ocupando sempre postos de destaque.

No magistério, foi, por muito tempo, em nossa terra, inspetor escolar e professor de Direito Comercial na Faculdade de Direito de Fortaleza, da qual foi um dos fundadores.

Como político, foi Deputado estadual e federal nas legislaturas de 1903-1905 e 1915-1917 e 1º Vice-Presidente do Estado no Governo do Dr. João Tomé de Saboia e Silva.

Exerceu, ainda no Ceará, as funções de cônsul da Bélgica, membro da Academia Cearense de Letras (fundador), do Instituto do Ceará e Juiz Federal, cargo em que se aposentou em 1913, transferindo a sua residência para o Distrito Federal.

Cultor do Direito, era-o também das letras, tendo sido sempre poeta de fina sensibilidade e bom gosto, cultivando os jogos florais do espírito, com permanente interesse. O humorismo teve nêlo um prosélito da mais pura ironia, a sátira com habilidade e dextreza.

No Rio de Janeiro, colaborou em vários jornais e revistas como «A Rua», «A Notícia», «O Diário Carioca», «A Vanguarda», «Fon-Fon» e outras publicações.

Era casado com D. Emília Barroso Studart, já falecida e deixou os seguintes filhos: D. Maria Luisa Studart de Moraes, casada com o Dr. Paulo de Moraes Filho; Vice-Almirante Dr. Armando Barroso Studart, viúvo, médico; Dr. Lauro Barroso Studart; D. Maria Antoníeta Studart Palêta de Cerqueira, casada com o Dr. Luis Palêta de Cerqueira; Hugo Studart, comerciante e senhorita Margarida Studart.

A Academia Cearense de Letras se fez representar no entêrro e exéquias pelo seu Presidente Mário Linhares, que no momento se encontrava no Rio de Janeiro.

Deixamos aqui a homenagem do nosso profundo respeito e saudade ao Dr. Eduardo Studart, que foi um dos últimos sobreviventes fundadores da nossa instituição.

## TEODORO CABRAL

Faleceu no dia 23 de julho de 1955, na Capital da República, o jornalista Teodoro Cabral, que ali desempenhava as funções de Diretor da Secção de Enciclopédias e Dicionários do Instituto Nacional do Livro.

Perdeu o Ceará um dos seus maiores valores, pois, apesar de auto-didata, o extinto projetara-se no cenário intelectual como poliglota, jornalista e escritor de incontestável mérito.

Profundo conhecedor de várias línguas, inclusive inglês, francês, alemão, espanhol e russo, êsses conhecimentos permitiram a Teodoro Cabral o acesso à carreira consular, havendo sido êle assistente técnico do Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil em Praga e em Budapest e chefe do Escritório em Bogotá.

No jornalismo teve fulgurante atuação, dentro e fora do Ceará. Depois de haver sido redator chefe do «Estado do Pará», de Belém, regressou à nossa Capital, onde foi um dos colaboradores de Antonio Drumond na fundação da «Gazeta de Notícias», jornal que secretariou e em seguida dirigiu até sua transferência para o Rio, em 1932.

Durante sua passagem pela «Gazeta» adotou o pseudônimo de «Polybio», em crônicas cintilantes, que fizeram época.

No Instituto Nacional do Livro promoveu a tradução de obras raras sobre o Brasil, da autoria de Pohl e Ave L'Allemnt, e publicou